

História Econômica: Por que ela é indispensável na formação do economista?

- ✚ Autor: Prof. Dr. Eduardo Costa (UFPA)
- ✚ Material didático complementar da disciplina História Econômica Geral (Facecon/UFPA).

1 Introdução

Este breve texto foi preparado exclusivamente como material de apoio à disciplina História Econômica Geral da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Pará (Facecon/UFPA). Neste sentido, trata-se de um material diretivo que busca provocar reflexão e orientar o debate ao longo da disciplina.

Frequentemente quando perguntamos a um não economista, ou até mesmo a um calouro do Curso de Economia, sobre o que faz o economista, a resposta mais comum gira em torno do “especialista em bolsa de valores”, do “consultor que ensina a multiplicar dinheiro” (educador financeiro) ou do profissional que aparece no telejornal para explicar por que a inflação aumentou recentemente.

Essa visão, embora popular, é estreita. O economista é, antes de tudo, um cientista social que investiga como as sociedades criam, distribuem e transformam riqueza ao longo do tempo. Para cumprir essa missão, ele precisa ir além das análises conjunturais e reconhecer os caminhos históricos que construíram — ou bloquearam — o desenvolvimento. É aqui que a História Econômica entra em cena, oferecendo uma lente analítica que procura conectar o passado, o presente e o futuro do (sub)desenvolvimento.

2 A perspectiva histórica como recurso analítico

2.1 A dependência de trajetória: o efeito das escolhas

Fenômenos econômicos não surgem do nada: políticas coloniais, guerras, rupturas políticas, industrializações, catástrofes naturais, pandemias ou revoluções tecnológicas deixam marcas que perduram por gerações. Esse “efeito trilha” — *path-dependence* (dependência de trajetória) — foi popularizado por Douglass North (1994; 2018) na Nova Economia Institucional (NEI). Estudá-lo permite ao economista entender por que certas medidas de política econômica dão certo e outras não. Ou ainda, encontrar respostas para perguntas como:

- a) Por que a Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra e não na China, Espanha, Holanda ou França?
- b) O que levou países como Estados Unidos, Alemanha e Japão a vivenciarem um intenso processo de industrialização e desenvolvimento no final do Século XIX?
- c) Qual a explicação para o fenômeno chamado na literatura especializada de a “Grande Divergência”?
- d) O que explica a ruptura de trajetória da Coreia do Sul a partir da década de 1960 que levou o país a superar a sua condição de subdesenvolvimento?
- e) O que explica o nível de crescimento acima da média dos Tigres Asiáticos a partir da década de 1970?
- f) Por que a China entrou em declínio econômico no século XIV e o que explica a extraordinária dinâmica econômica chinesa no primeiro quartel do Século XXI?

Prof. Dr. Eduardo Costa (UFPA)
**HISTÓRIA ECONÔMICA: POR QUE ELA É INDISPENSÁVEL NA
FORMAÇÃO DO ECONOMISTA?**

- g) O que fez com que a Argentina — que na virada do Século XX era considerada um país promissor, em franco desenvolvimento, com um elevado padrão de vida para a sua época — entrasse após a década de 1950 em uma trajetória de decadência econômica e social?
- h) O que fez com que a Venezuela — que entre os anos 1950 e 1980 era um dos países mais prósperos da América Latina, com um dos maiores PIB *per capita* do mundo (apelidada de “Venezuela Saudita”) — entrasse a partir do final da década de 1990 em uma trajetória de declínio econômico, social e institucional?
- i) Por que a África e a América Latina possuem países com elevada desigualdade social e um contingente considerável de pessoas sobrevivendo abaixo da linha de pobreza?

É na busca de respostas para essas perguntas que a História Econômica se move. Ao estudar séculos de transformações — da Revolução Agrícola à economia digital — o economista começa a perceber padrões e estabelecer relações entre decisões tomadas no passado e dependências de trajetórias que ainda orientam o presente.

2.2 Instituições inclusivas versus extrativas

Na sequência do trabalho de North (2018), Daron Acemoglu e James Robinson (2012; 2020) mostram que países prosperam quando constroem instituições inclusivas — regras que distribuem poder político, permitem o controle do Estado pela sociedade, produzem uma ambiência institucional fundada no Estado Democrático de Direito e asseguram direitos de propriedade amplos e liberdade. Já estruturas extrativas, que concentram poder e renda, inibem inovação e crescimento, além de favorecer determinadas elites políticas e econômicas em detrimento da sociedade de forma mais ampla. Observar a história da Inglaterra pós-Gloriosa Revolução, dos países que vivenciaram o processo de industrialização retardatária e dos países latino-americanos, evidencia como arranjos institucionais moldam o desempenho econômico por um longo período.

2.3 Laboratório natural de teorias

A História funciona como um gigantesco “experimento natural”. Teorias sobre livre-comércio, proteção industrial, política monetária ou papel do Estado podem ser testadas comparando-se contextos diversos: as industrializações tardias da Alemanha e do Japão no final do século XIX, a Revolução Russa, o New Deal norte-americano, o Plano Real brasileiro, a Crise do Subprime de 2008 ou as reformas de mercado na China pós-1978. Cada episódio histórico informa limites e alcances de modelos abstratos.

Ademais, quando o economista compara teorias econômicas a eventos reais — crises financeiras, revoluções tecnológicas, experiências de superação do subdesenvolvimento, ou o declínio econômico de uma sociedade — ele aprende a questionar modelos prontos, desenvolve um senso crítico entre a teoria e a realidade, e passa a adaptar conceitos ao contexto, evitando anacronismo e simulacros.

3 A tríade método–estatística–teoria (Schumpeter revisitado)

O economista austríaco Joseph Alois Schumpeter — uma das mais brilhantes mentes da história do pensamento econômico — inicia a clássica obra *História da Análise Econômica* (1954) fazendo uma reflexão sobre a Ciência Econômica (SCHUMPETER, 1964). Nela, advoga que o bom economista domina três artes:

Prof. Dr. Eduardo Costa (UFPA)
**HISTÓRIA ECONÔMICA: POR QUE ELA É INDISPENSÁVEL NA
FORMAÇÃO DO ECONOMISTA?**

- a) História: descreve fatos e mudanças institucionais ao longo do tempo;
- b) Estatística: organiza esses fatos em séries, permitindo quantificação;
- c) Teoria: fornece o arcabouço lógico para interpretar os dados.

Separados, esses campos do conhecimento são insuficientes. Séries macroeconômicas isoladas de seu contexto histórico podem sugerir: (i) correlações fantasiosas; (ii) teorias sem evidência empírica viram dogma; (iii) listas de fatos sem interpretação viram “almanaque”. A disciplina História Econômica procura integrar as três vertentes, um diferencial que forma profissionais com uma visão sistêmica e holística da sociedade.

4 Competências desenvolvidas na disciplina

Competência	Resultado prático
Leitura crítica de dados de longo prazo	Ajustar séries por metodologias históricas, evitar interpretações rasas.
Pensamento comparado	Contrastar experiências de diversos países e períodos.
Análise institucional	Avaliar como culturas, normas e incentivos afetam desempenho econômico.
Visão interdisciplinar	Dialogar com História, Ciência Política, Sociologia, Direito e Antropologia.
Consciência ética	Compreender impactos sociais de políticas econômicas, do colonialismo à globalização.

5 Estudos de caso que ilustram a utilidade da disciplina

a) O ciclo da borracha na Amazônia (1870-1912)

Sem entender a geopolítica da época — monopólio britânico sobre sementes e subsequente plantio na Ásia — o analista pode concluir falsamente que o fracasso amazônida se deveu apenas à “falta de empreendedorismo”. A História mostra a combinação de choques de oferta, tecnologia, custo de transporte e estrutura fundiária.

b) A revolução industrial britânica

Texto de Robert Allen (2017) revela que a relação entre salários altos, carvão barato e incentivos à mecanização explica a adoção precoce de máquinas a vapor. Esse *insight* questiona teorias de crescimento universalistas e sublinha a importância de preços relativos.

c) O Plano Real (1994)

Comparar a experiência da estabilização brasileira com planos fracassados dos anos 1980 ensina como arranjos políticos (apoio congressional) e institucionais (autonomia do Banco Central, reforma fiscal, política cambial) condicionam o êxito de reformas monetárias.

6 Brasil como laboratório histórico vivo

O Brasil oferece um laboratório histórico vivo: colonização baseada no extrativismo e escravidão, industrialização tardia, rupturas políticas, hiperinflação, Plano Real, instabilidade política e os “ismos” que nos condenam ao subdesenvolvimento (patrimonialismo, personalismo, clientelismo, individualismo, populismo etc.). Sem a lente histórica, o economista corre o risco de importar soluções desenhadas para realidades que nunca enfrentaram nossa herança institucional, econômica e social. A História Econômica ajuda a evitar anacronismos e formular políticas compatíveis com nosso percurso. Mas mais do que isso, ajuda a pensar em como superar o nosso subdesenvolvimento.

7 Riscos de ignorar a dimensão histórica

- a) Políticas copiadas de manuais: Sem o ajuste histórico-institucional, transplantes de políticas podem falhar gerando simulacros.
- b) Modelos herméticos e de curto prazo: Ignoram eventos de raros (baixa probabilidade), porém de alto impacto. Em processos não ergódicos (nos quais o sistema pode saltar para trajetórias bem diferentes), médias históricas recentes (curto prazo) não descrevem bem o futuro. A dimensão histórica é a única forma de perceber transições de longo prazo.
- c) Miopia conjuntural: Focar apenas em elementos conjunturais obscurece desafios estruturais que são fundamentais para o desenvolvimento ou a superação do subdesenvolvimento.

8 Conclusão: uma importante chave analítica

A História Econômica equipa o economista com conteúdo e memória analítica: ele aprende a reconhecer padrões, a distinguir inovação real de reprise histórica e a calibrar expectativas sobre reformas. Ao articular teoria, evidência estatística e narrativa temporal, o profissional torna-se capaz de elaborar diagnósticos mais robustos e prescrições mais realistas — algo essencial para quem deseja influenciar políticas públicas, orientar empresas ou pesquisar a dinâmica do desenvolvimento.

Em suma, estudar História Econômica é investir em profundidade. É passar do “qual ação comprar hoje” para a pergunta mais fundamental: quais instituições e trajetórias permitem que sociedades gerem prosperidade sustentada e inclusiva? Essa passagem do imediato para o estrutural é o primeiro passo para formar economistas socialmente responsáveis.

Referências essenciais

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. *O Equilíbrio do Poder: Estados, sociedades e o futuro da liberdade*. Lisboa: Temas e Debates, 2020.

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. *Por que as nações fracassam: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza*. Elsevier Brasil, 2012.

ALLEN, Robert C. *História Econômica Global: Uma Breve Introdução*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

CHANG, Há-Joon. *Chutando a Escada: A Estratégia de Desenvolvimento em Perspectiva Histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Prof. Dr. Eduardo Costa (UFPA)
HISTÓRIA ECONÔMICA: POR QUE ELA É INDISPENSÁVEL NA
FORMAÇÃO DO ECONOMISTA?

NORTH, Douglass. *Instituições, Mudança Institucional e Desempenho Econômico*. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

NORTH, Douglass. *El Desempeño Económico a lo Largo del Tiempo*. El Trimestre Económico, vol. LXI (4), edição 244, 567-583, 1994.

SAES, Flávio Azevedo Marque de; SAES, Alexandre Macchione. *História Econômica Geral*. São Paulo: Saraiva, 2013.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *História da Análise Econômica*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Centro de Publicações Técnicas da Aliança, 1964.